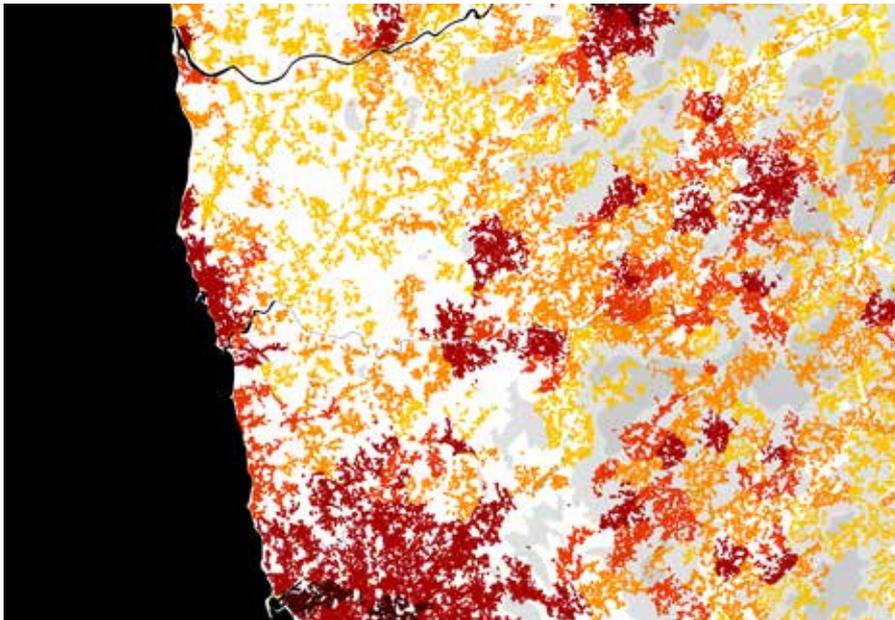


O Urbano e a Urbanística

ou os tempos das formas

por Nuno Portas com ilustração de Nuno Travasso

Densidade populacional no sistema metropolitano do Porto, entre Douro e Cávado. CEAU-PAUP, 2012



7 de janeiro

Heranças urbanas e mudanças dos modos de vida

Lugares e mosaicos urbanos

14 de janeiro

Atividades e mobilidades – malhas geradoras

Espaçamentos, traçados

21 de janeiro

Habitats e ecologias – limites e densidades

Tipos e modelos do edificado

28 de janeiro

(Meta)polis e governabilidades

Regulações, compromissos, *empowerments*. A “obra aberta” em tempos de incerteza

As cidades nunca foram iguais mas algumas das suas características mostraram-se, ao longo do tempo, mais constantes ou

mais resilientes do que outras. No entanto tem-se a sensação de que nos últimos dois séculos, sobretudo no último e no hemisfério-norte, se assistiu a ruturas tão profundas e alternativas tão radicais que nos obrigam à reflexão crítica sobre esses resultados que ainda hoje dividem as opiniões públicas além dos especialistas. Eis alguns problemas mais críticos, não só portugueses:

Na primeira sessão, evocamos os legados da revolução industrial e comercial nos países mais avançados, confrontando-os com as mudanças dos modos de vida e das formas de urbanização: a perda sucessiva dos limites físicos, a polarização dos aglomerados centrais e as periferias cada vez mais extensivas. Em suma, o dualismo da cidade-com história e da não-cidade sem história reconhecida.

Na segunda sessão, perseguimos as mobilidades crescentes de pessoas, bens, informação e energia, causa e consequência da explosão tecnológica, fabril, agrícola

e comercial que se traduziram em sucessivas redes entre e intracidades. A resposta urbanística mais profunda, do século XIX ao XX, reside nas malhas de espaço público que viriam a servir de suportes, funcionais e simbólicos, às diferentes formas da edificação, aos parques... ou seja, da cidade central à extensiva ou às conurbações.

Na terceira sessão, avaliamos a edificação que se diversificou em termos de funções e níveis de riqueza: da casa aos bairros, da oficina aos complexos fabris, do comércio aos grandes armazéns e escritórios, ou ainda aos equipamentos sociais, de ciência e educação ou saúde, de lazeres e espetáculos... para todos. É a habitação que constitui a maior massa construída, resultante das mudanças demográficas (saúde, emprego, migrações...) mas também dos modos e estilos de vida dos cidadãos, função dos recursos e culturas que caracterizaram as classes médias crescentes. Confrontamos as formas ou modelos do habitat – casas e espaços comuns – ensaiadas na Europa e em Portugal, na 2.ª metade do século XX. Questionamos os equívocos da densidade urbana, os tipos de promoções públicas e privadas, os limites de participação dos moradores e as suas mobilidades.

Na quarta e última sessão, a questão da governança, do papel do Estado como arrumador do crescimento ou reconversão urbanos nas áreas de mudança como as “metapolis” do litoral português. O papel das “estratégias” e “planos” e a gestão local dos “projetos urbanos” e as dificuldades de compatibilização dos diferentes “estados” e destes com promotores e cidadãos. Ou seja, a crescente incerteza dos recursos e impactos, sabendo distinguir o que se impõe como durável e estruturante para a coletividade e o que é apenas provável, acidental ou particularizado: um planeamento a diferentes velocidades.

[Obs. Uma leitura acessível: *Políticas Urbanas I e II*, obra coletiva editada pela F.C. Gulbenkian]

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO

Atividades e mobilidades – malhas geradoras

Espaçamentos, traçados

A prioridade que atribuímos às malhas do espaço público como elementos de suporte e ordenação das aglomerações urbanas justifica-se pela abrangência das mobilidades que servem.

As mobilidades foram decisivas para a saga da urbanística contemporânea, como causa e como consequência. Causa, porque surpreenderam quase sempre as ideias feitas dos urbanistas, pelas ondas sucessivas de inovação e produção dos meios de deslocação e comunicação (materiais e imateriais) de que as indústrias e comércio se aproveitaram e os modos de vida emergentes se serviram; assim como os surpreenderam pelos excessos de competitividade dos modos de transporte que se impuseram aos próprios estados, com a consequente desregulação das estruturas e espaços urbanos e ambientais. Consequência, porque a industrialização e terciarização deslocaram os empregos e as famílias em sucessivas ondas para acederem a melhores oportunidades nas aglomerações emergentes.

A passagem das áreas metropolitanas às metapolitanas, verificada nas últimas décadas, só foi possível pelas ofertas de mobilidade. Uma profunda transformação nas relações espaço/tempo/custo, promovida pelas novas redes urbanas, que expandiu áreas de proximidade, multiplicou centralidades e alargou assentamentos humanos “entre-cidades”. Em suma, novas geografias e demografias dos territórios que desafiam os modelos estáticos praticados anteriormente.

Esta dinâmica urbana, de escala transnacional, merece uma reflexão crítica sobre os custos – materiais, sociais e culturais – das tendências de “concentração des-concentrada”, das novas terras e paisagens e dos consumos ecológicos comparativos...

As políticas locais, sobretudo em regiões de economias frágeis, são especialmente sensíveis aos nivelamentos e às pressões transnacionais, que dificilmente poderão ou quererão assumir sem perdas maiores das suas própria histórias e especificidade.

Leituras propostas:

ASCHER, François – *Metapolis: Acerca do*

futuro da cidade. Oeiras: Celta Editora, 1998.
ASCHER, François; APEL-MULLER, Mireille (ed) – *La rue est à nous...tous! : The street belongs to all of us*. Vauvert (Gard): Au Diable Vauvert, 2007.
DOMINGUES, Álvaro – *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora, 2009.

Nuno Portas é professor Emérito da Universidade do Porto e coordena o Laboratório de Estudos do Território da mesma universidade. Foi investigador do LNEC (1963-83) em habitação e urbanismo após ter integrado o atelier N. Teotónio Pereira participando em projetos premiados de habitação (Olivais, Restelo) e igrejas (1957-73). Exerceu funções de Secretário de Estado nos três primeiros Governos Provisórios e de vereador na Câmara Municipal de Gaia (1990-94). Foi Professor na ESBAL (1965-71) e, desde 1984, na FAUP até à jubilação, onde coordenou investigação teórica e aplicada em municípios da Região e no Campus da Universidade de Aveiro. Participou em ações internacionais da ONU, BID e EU e projetos urbanos em Espanha, Itália e Brasil. Publicou três teses e cinco volumes de artigos selecionados. Recebeu o prémio Abercrombie de Urbanismo da UIA 2005.

Nuno Travasso é arquiteto e doutorando no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP, sendo coautor de *Políticas Urbanas II*, editado pela F.C. Gulbenkian em 2011.

CONFERÊNCIAS SEGUNDAS-FEIRAS 7, 14, 21, 28 DE JANEIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO